

Sindicato cria uniforme para flanelinhas da capital

Para usar a roupa, guardadores têm que se cadastrar e pagar R\$ 51

DANIELA DO CANTO
daniela.canto@diariosp.com.br

► O Sindicato dos Guardadores e Lavadores Autônomos de Veículos Automotores do Estado de São Paulo (Sindiglaasp) resolveu criar um uniforme para os populares flanelinhas da capital. Para usar a roupa completa, que inclui camiseta, boné e crachá de identificação com foto, os guardadores terão de se filiar ao sindicato e desembolsar R\$ 51 mensais. Até agora, só um flanelinha está filiado. Ele deve começar a trabalhar uniformizado na próxima segunda-feira, 22.

A pedido do DIÁRIO, o guardador Raimundo Eudes Simão Marinheiro, de 55 anos, testou o uniforme ontem. “Ficou bonitinho.” Embora já tenha uma clientela fiel, pois trabalha há 13 anos na Avenida Cásper Líbero, no Centro, Marinheiro acredita que o uniforme trará uma imagem melhor à categoria. “É uma maneira de identificar a pessoa”, avaliou. O flanelinha Aginaldo Natalino Ventura, de 44 anos, tem a mesma opinião e pensa em se filiar ao sindicato. “Se é para ajudar, dá para pensar em pagar os R\$ 51, sim”, disse ele, no ramo há 30 anos.

Segundo a secretária-geral do Sindiglaasp, Amanda Beatriz de Souza Ferreira, o sindicato quer cadastrar todos os guardadores da cidade. Até agora, só há 20 cadastrados. Ela acredita que São Paulo tenha de 15 mil a 20 mil.

O sindicato está tão confiante na adesão que, de cara, mandou fazer 200 uniformes. Amanda ainda frisa que os flanelinhas não podem cobrar pelo serviço. “Paga quem quer.” Os motoristas também aprovaram os uniformes. “Assim não fica qualquer um olhando o carro”, disse a consultora Fabiana de Oliveira, de 27. A Secretária das Subprefeituras não comentou o assunto.



O FLANELINHA Raimundo trabalha há 13 anos no ramo e experimentou o uniforme ontem

Benefícios dependem de mais adesões

► O Sindiglaasp pretende oferecer benefícios aos sindicalizados. Entre eles, assistência médica e colônia de férias. Quando tiver a adesão de mais trabalhadores, o sindicato planeja procurar a Prefeitura para firmar um convênio para os guardadores trabalharem em estacionamentos de espaços públicos e ganharem salário fixo.

“Mas são projetos a longo prazo”, disse a secretária-geral, Amanda Beatriz de Souza Ferreira.

Até agora, há 20 flanelinhas cadastrados e apenas um sindicalizado. Amanda acredita que o cadastramento de todos os flanelinhas de São Paulo seja concluído até o final deste ano.

“A intenção é eliminar os

oportunistas e identificar os trabalhadores”, explicou. O sindicato foi fundado em 31 de março de 1987, mas o reconhecimento pelo Ministério do Trabalho só veio em 2007. Os interessados em se cadastrar ou se filiar podem procurar o Sindiglaasp, na Avenida Cásper Líbero, 390, 3º andar, cj 305.

Projeto muda visual da Frei Caneca

Após concurso, associação busca apoio para implantar alteração na rua

► A Associação GLS Casarão Brasil quer dar cara nova à Rua Frei Caneca, que liga a Avenida Paulista à Rua Augusta. Para isso, realizou um concurso com o apoio do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), que escolheu o melhor projeto de reurbanização para a área.

O vencedor foi o arquiteto Conrado Garcia Ferrés, com a proposta de aumentar os espaços de convivência no local. O

próximo passo dos organizadores é apresentar o projeto à Prefeitura, buscar patrocinadores e o apoio de comerciantes e moradores da região.

O vencedor levou para casa R\$ 5 mil. O projeto foi desenvolvido pela empresa de Ferrés, a FMC Arquitetura, em parceria com a Fondarius Arquitectura, de Barcelona, na Espanha, e demorou cerca de um mês para ficar pronto. Ele levou em conta

questões como a reorganização do trânsito e a escolha de materiais sustentáveis.

“A ideia é criar eixos de ponto de encontro e lazer através da reorganização da rua”, explicou.

De acordo com o advogado Victor Chinaglia, representante do IAB, o concurso recebeu 66 inscrições e 31 projetos foram apresentados. Um corpo de jurados escolheu o projeto vencedor. A intenção, agora, é criar

um cronograma de trabalho e obter um orçamento para colocar o projeto em prática.

A parceria com o poder privado deve acontecer por meio de patrocinadores e comerciantes e moradores da região. Chinaglia acredita que haverá receptividade da administração pública também. “A partir de abril, retomaremos os diálogos para nos movimentarmos e reunirmos os recursos”, disse.

Vila Brasilândia sofre sem Correios

Sem uma agência no bairro, moradores precisam ir até outro distrito para conseguir postar cartas



► Acreditem se quiser, pois a Brasilândia, na Zona Norte, com mais de 350 mil habitantes, não tem uma agência dos Correios.

Quem precisa dos serviços é obrigado a se deslocar para a Freguesia do Ó ou até a Avenida Imirim, na Vila Nova Cachoeirinha, que fica sobrecarregada e a demora é de mais de uma hora.

Solicitamos a abertura de uma agência dos Correios na Rua São Gonçalo do Abaeté no Parque Tietê.

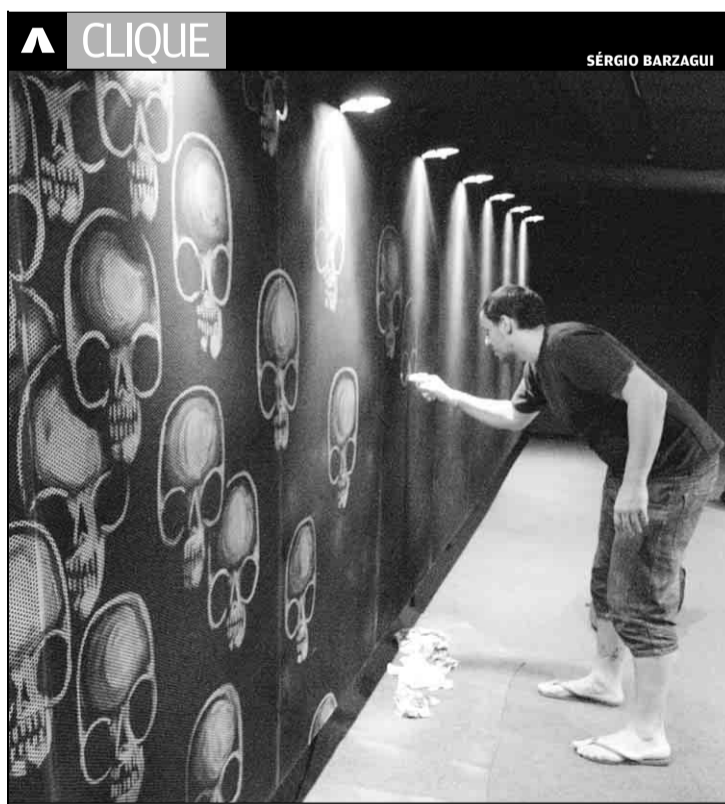
► O leitor Henrique Deloste enviou uma reclamação ao DIÁRIO sobre a falta de agências dos Correios na região da Vila Brasilândia, Zona Norte da Capital. Segundo ele, para utilizar os serviços da empresa é preciso se deslocar até a Freguesia do Ó ou Vila Nova Cachoeirinha.

RESPOSTA DOS CORREIOS

SEM PREVISÃO

Os Correios informaram que a agência que atendia a região da Brasilândia e do Parque Tietê foi fechada por questões administrativas e que a unidade da Avenida Imirim

está atendendo a população. A assessoria da empresa também afirmou que novas agências devem ser abertas em 2010, mas a criação de uma unidade no local ainda está sendo estudada.



Esqueletos expostos no CCBB

O Centro Cultural Banco do Brasil-CCBB (R. Álvares Penteado, 112, Centro; tel.: 11 3113-3651) abre hoje, às 11h, a exposição “Ossário”, do artista Alexandre Orion. Autor de uma obra original, Orion “criou” caveiras no túnel Max Feffer, na Zona Oeste, só limpando a fuligem dos veículos das paredes com um pano. De 3ª a dom., das 10h às 20h. Até 9 de maio. Grátis

botando banca

sao paulo@diariosp.com.br

‘Banca da saúde’ atende o público da área na Dr. Arnaldo

► Neide Viera da Costa, de 63 anos, trabalha com banca de jornal há seis. A “Banca Ramos” é a primeira experiência no segmento. Durante 15 anos, ela administrou uma fábrica de chapéus em São Paulo, mas por causa da pressão, da responsabilidade e da correria, seu filho achou melhor que ela tivesse uma atividade menos estressante. Daí veio a ideia de comprar a banca. “Ele achou que seria melhor, que eu ia me distrair. E eu gosto bastante, porque tem movimento”, disse.



NEIDE, a dona da banca: “Aqui, passa todo mundo da saúde”

“Eu fiquei muito cansada, tive que trabalhar muito na fábrica. Precisava descansar”, afirmou Neide.

A banca fica ao lado da Estação Clínicas, da linha 3 - Verde do Metrô, em Cerqueira César, Zona Oeste, e por isso, o movimento de pessoas da área da saúde é muito grande. A região é cercada por hospitais e centros de medicina.

“Aqui, passa todo mundo da saúde. Tem o Emílio Ribas, o Instituto do Câncer, o Hospital das Clínicas, e a Secretaria da Saúde”, explicou. Por causa desse movimento, a banca não abre nos finais de semana.

Ela conta com a ajuda de duas funcionárias para tocar o negócio. Vanda trabalha na

banca há três anos e Denise há um. Neide abre a banca religiosamente às 5h50 e fica até a hora do almoço. Depois, a dupla fica responsável até o fechamento, às 19h30. Segundo a proprietária, jornais e revistas são os produtos mais procurados. Porém, itens de conveniência como pilha, caneta, isqueiro e até mesmo recarga de celular têm muita procura.

Além dos médicos, enfermeiros e outros profissionais da saúde, a banca é muito procurada por pessoas que buscam informações. “Aqui, também passa todo o tipo de gente e nós precisamos lidar com todos”, afirmou. Neide já atendeu bêbados e moradores de rua. “Uma vez que você está exposta, tem que atender todo mundo, tem que responder.”



JORNALISTAS fazem protesto durante audiência na Câmara, ontem

Jornaleiros resistem a mudança no Centro

Donos de bancas não querem sair de seus pontos, conforme prevê nova regra da Prefeitura

► Jornaleiros da capital participaram de uma audiência pública ontem, na Câmara de Vereadores, para discutir a determinação da Prefeitura de remanejar as bancas de jornal. Segundo o Sindicato dos Vendedores de Jornais e Revistas de São Paulo, 84 bancas já foram notificadas.

O tesoureiro do sindicato, Francisco Ranieri Netto, diz que a alegação da Prefeitura aponta que as bancas localizadas em esquinas atrapalham a visibilidade no trânsito e que algumas bancas ainda podem ser usadas de esconderijo para marginais, o que é negado por ele.

Conforme Netto, a determinação deve afetar as 5 mil bancas da cidade. Das 84 bancas já notificadas, todas pediram a prorrogação do prazo inicial, de 30 dias, para a mudança. As notificações começaram a chegar em novembro. “Mas a Prefeitura não publicou nada no Diário Oficial sobre as prorrogações, e a

lei diz que o prazo só passa a valer depois disso”, afirmou.

De acordo com o presidente do sindicato, Ricardo do Carmo, a intenção é cancelar as notificações já recebidas pelos jornaleiros. “Queríamos começar do zero e discutir junto com a Prefeitura”, explicou.

Os jornaleiros se mostraram insatisfeitos com a transferência de bancas. “Acho que é necessária uma organização. Mas o que eles querem fazer vai mexer na vida de mais de 20 mil pessoas, porque temos de contar os funcionários das bancas e as famílias deles”, afirmou o jornaleiro Osvaldo Galvão, de 71 anos, dono de uma banca no Jabaquara. “Acho que se justificassem que é uma questão de remanejamento, para deixar as bancas mais separadas ou levar para bairros que não têm, tudo bem. Mas eles falarem da questão de insegurança é mentira”, afirmou Conceição Aparecida Ponga.